

## POLÍTICA E POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UM TEXTO DE IUMNA M. SIMON

Maurício Chamarelli Gutierrez (UFJF)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho gostaria de pensar o lugar em que é colocada a poesia brasileira atual no ataque empreendido por Iumna Maria Simon em “Condenados à tradição”, saído na Revista *Pi-auí* em 2011. Por detrás do tom policialesco de juízo, e da ideia de '(re)tradicionalização', querendo isso dizer a utilização de formas tradicionais como sintoma de um divórcio entre a poesia e seu próprio tempo, parece se revelar uma demanda pelo elemento coletivo do tipo vanguarda-grupo-geração quase como se esse fosse o único sujeito possível da poesia – o único que merece ser escutado em uma história da poesia brasileira.

**Palavras-chave:** poesia brasileira contemporânea; vanguarda; política; crítica literária

Devo começar por assumir que ficarei aquém de minha proposta prévia. Dos dois textos que havia me proposto a comentar aqui, deixarei de lado *Poesia e paisagens urbanas*, de Antonio Cicero, e ficarei somente com o outro: o *Condenados à tradição: o que fizeram com a poesia brasileira*, de Iumna Maria Simon. Por motivo de tempo, de abertura ao diálogo, mas também, é claro, de escolha tática diante desse tempo, abandono um dos dois textos, mas retenho a figura que os reunia, ou que os unia em um diagnóstico comum e que motivava a minha proposta de leitura cruzada; a questão comum que cada um formula à sua maneira e se propõe, em certa medida, a responder (no sentido de reagir, não de dar resposta): trata-se do diagnóstico do fim do ciclo das vanguardas como horizonte histórico da poesia atualmente feita no Brasil.

Implicado nesse diagnóstico há, me parece uma questão política ou *de* política. Talvez não da ordem daquela política que, no início de seu texto, Simon (2011) dizia haver nos supostos “usos e abusos da tradição” da parte dos poetas que lê, mas de todo modo uma questão (que aprendi a ler com Luís Guilherme Ribeirto Barbosa) que toca a maneira de organizar a política da poesia, a *pólis* da poesia brasileira a partir do contemporâneo. Há aí, me parece, algo da ordem daquela estética que, em *A partilha do sensível*, Rancière (2005) enxerga na base da política, anterior a qualquer politização da estética ou vice-versa, e que se caracteriza como recorte dos tempos e dos espaços, distribuindo o visível e o invisível e definindo o que ou quem está em jogo. Eu diria: definindo quem pode fazer política, ou, no caso, que tipo de sujeito merece ser escutado e pode escrever a história da poesia no Brasil.

*Condenados à tradição* (SIMON, 2011) é um texto crítico (no incômodo duplo

---

<sup>1</sup> Graduado, Mestre e Doutor em Ciência da literatura (UFRJ); bolsista de Pós-Doutorado CAPES/CNPq (UFJF). Contato: [chamarelligutierrez@gmail.com](mailto:chamarelligutierrez@gmail.com).

sentido) que se propõe a ler a poesia contemporânea a partir da figura da retraditionalização, hipótese que é posta para funcionar a partir de citações retiradas de duas entrevistas de dois poetas atuais, Eucanaã Ferraz e Carlito Azevedo. Sua tese parece clara: a poesia contemporânea brasileira vive uma retraditionalização que se caracteriza por um uso acríptico de meios e formas provenientes da tradição, mas reduzidos aqui a meros “materiais disponíveis” (SIMON, 2011). Isso significa, me parece, duas coisas: primeiramente que a poesia contemporânea tratada no texto se caracteriza majoritariamente por um uso de formas tradicionais, como o soneto (algo que certamente não se sustenta a um olhar mais acurado, principalmente a um olhar mais acurado datado de 2011, e que ainda por cima que não se sustenta em relação a um famoso e elogioso texto da própria autora sobre a poesia de Cláudia Roquette-Pinto (2008)). Em segundo lugar esse 'uso' se caracteriza por vir atrelado de um duplo desligamento: por um lado, o poema contemporâneo desvincula a forma retirada de seu contexto das condições históricas que a tornaram possível ou necessária e, por outro, desvincula-se ele mesmo poema de seu tempo e de suas contradições. As formas assim 'citadas' fora de lugar, fora de seu lugar na história, em um contexto onde elas não fazem sentido, ou onde se perderam de seu “sentido próprio” (SIMON, 2011), são postas para funcionar em sua “pureza transtemporal” (CATRÓPA; NUERNBERG; MARTIN, 2012, p. 169), sem relação com qualquer experiência histórica o que, por sua vez, responde a uma poesia que se caracteriza por esse desligamento de sua própria época. Cito:

A tradição se tornou um *arquivo atemporal*, ao qual recorre a produção poética para *continuar proliferando* em estado de indiferença em relação à atualidade e ao que ferve dentro dela. Até onde vejo as formas poéticas deixaram de ser valores que *cobram adesão* à experiência histórica e ao significado que carregam. (SIMON, 2011)

A poesia contemporânea aparece aqui como uma espécie de cadáver ambulante – note-se o efeito retórico de “continua proliferando ...”. E essa condição de zumbi se dá pelo rompimento do nexos entre experiência histórica e forma poética. É esse nexos, me parece, o que Simon demanda de maneira mais explícita, é isso o que ela aqui mais me parece defender e que caracterizaria, em negativo fotográfico, a poesia que ela deseja para o nosso tempo. (Uma leitura do seu *Situação de sítio*, sobre o poema de Cláudia Roquette-Pinto, demonstraria talvez que a experiência que a interessa é a da violência urbana, e que a questão ali não se coloca somente como a da figuração desta, mas movimenta todo o problema da citação da fala do menino ao fim do poema, o problema da maneira como essa citação aparece do exterior, sem deixar de se formar dentro do poe-

ma.)

Se poderíamos invocar aqui um Adorno de bolso, para o qual a forma artística é conteúdo sócio-histórico decantado, o que chama a atenção no entanto, no trecho citado, é a estreiteza demandada desse vínculo, quase como se uma forma poética não pudesse corresponder a muitas e diversas experiências históricas (algo que não escaparia, me parece, a Adorno). Mais do que isso ainda, o que me parece mais curioso de ressaltar aqui é que Simon não demonstra nenhum tino para pensar esse uso da tradição ele mesmo como uma forma poética em relação com a época. Este não seria o lugar para empreender tal leitura, mas me ocorre um pouco ao acaso a respeito desse *arquivo atemporal* que surge em sua fala em tom acusatório, o quanto poderia ser lido aí de 'resposta' (no sentido benjaminiano) à percepção contemporânea dilacerada por um arquivo que não só se expande aceleradamente, como também tende a embaralhar as cronologias. Ou ainda, nesse uso indevido da tradição, o quanto se prestaria a uma leitura pelo viés da profanação de que fala Giorgio Agamben (2008), que restituiria o tradicional ao uso comum, retirando-o da esfera (religiosa) da separação, brincando jocosamente com o mito sem o rito – talvez o poema *Proteu*, de Antonio Cicero, em que a figura grega de Helena, aparece sem a correspondente aura tradicionalizante, esvaziada de sentido, reduzida a um puro nome; ou, por outro lado, jogando ludicamente, com o rito sem o mito – talvez diversos sonetos de Paulo Henriques Britto, com ou sem o perdão da rima.

No sentido agambeniano ainda, a tradição de Simon parece não se querer ou não comportar profanação ou negligência – ela possui um “sentido próprio”, válido, se dispõe como esfera de separação que mobiliza, necessária ou preferencialmente, “proibições, hierarquias e exclusões” (SIMON, 2011). A tal ponto que a crítica demonstra desconhecer uma instância de um uso profanador – ou simplesmente não querer assumir sequer sua possibilidade, mesmo quando tem diante de si uma provocação, proferida por Eucanaã Ferraz na entrevista com que ela trabalha, que aponta justamente para esse aspecto, diz Simon: “... Eucanaã Ferraz prefere formas reconhecíveis, ao mesmo tempo que *tem o topete de dizer que usar a tradição é desafiar o cânone – por quê? A proposição parece-me quase um nonsense...*” (SIMON, 2011).

O nexos entre forma poética e experiência história parece, por vezes, como no trecho citado, bastante estreito, de uma estreiteza da ordem da adesão; a tal ponto que qualquer desligamento aí é acusado de gozo irresponsável: “Os que vieram depois [os poetas contemporâneos] gozam da liberdade de vivenciar sobreposições, tempos múltiplos de *causalidade* desconhecida ou já esquecida”. O uso abusivo e irresponsável da

tradição se caracterizaria aí por esse desligamento, pelo dismantelamento de uma causalidade entre a forma poética e sua época. Em outros momentos, no entanto, essa demanda se mistura a outra, aparentada à primeira, mas aparentemente menos rígida, a demanda pela seleção, pelo programa, pelo projeto no qual um ou vários poetas identifica “uma tendência dominante” (SIMON, 2011) na tradição, tendência que deve ser seguida e que comanda uma maneira tal e qual de fazer poesia hoje. A demanda, portanto, mais uma vez por um *nexo*, por aquela arrumação da história, da poesia (ou de sua forma) na época e da época na história; em outras palavras, a organização linear que tornava possível a vanguarda e que a vanguarda ela mesma tornava possível. Cito Simon acusando Carlito Azevedo: “fica claríssimo que ele não aceita mais os termos peremptórios em que a vanguarda se pronunciava: dispensa-se de buscar a *tradição viva*, renuncia a questionar o estatuto da tradição (oficial ou não) ou a *decretar o que vale e o que não vale*” (SIMON, 2011. Grifos meus). O ataque aqui se volta ainda para o poema pós-utópico de Haroldo de Campos, o texto da década de 80, momento talvez crucial da formulação do fim das vanguardas. Cito:

A “poesia da agoridade” [proposta por Haroldo] foi então anunciada como um programa modesto, mas redentor, para as adversidades do presente: suspendia-se a estratégia de oposição às tradições com *prazo vencido* e ao conformismo do cânone, em nome de uma “pluralização das poéticas possíveis”, o que subentende um recuo tático e a admisão realista do que existe. (SIMON, 2011. Grifos meus)

Trata-se, me parece, da versão de Simon para a ladainha contra a apoteose pluralista do suposto 'vale-tudo' do contemporâneo. Como de hábito, se desenha aí uma relação figurativa com a ascensão do consumismo anexada sumariamente à ideologia do capitalismo vencedor (em uma dublagem cronológica com o momento da queda da União Soviética), e parece se formular uma alternativa simples: de um lado, o dilaceramento moderno das formas e o agonismo vanguardista que organiza a história e a época, decretando o anacronismo de certas formas em nome de outras, mais atuais, mais correspondentes à época e/ou ao Brasil e/ou a uma tendência dominante em nossa tradição, ou, de outro lado, o perambular frouxo de um falso estado de bem-estar acrítico e não problemático em que os poetas contemporâneos se colocam como livres consumidores de formas da tradição – inclusive da moderna, já institucionalizada e mercantilizada. Cito: “o *bem-estar* da tradição supera o dilaceramento entre formas avançadas e formas anacrônicas, pois umas e outras não encarnam mais o *agonismo* de opções implacáveis” (SIMON, 2011).

A respeito dessa ladainha – que postula o pós-modernismo contra o qual se volta –, chama a atenção o silenciamento da singularidade, a má vontade de partilhar do diagnóstico que era aliás bastante preciso no texto de Haroldo (CAMPOS, 1997): o de que o fim das vanguardas não implicaria necessariamente o fim do projeto, mas o do elemento grupal como lugar necessário de sua inscrição; o diagnóstico de que a pluralização da história desrecalca o quanto de violência há em identificar uma “tendência dominante” da tradição e o quanto de violência há em se pretender, a partir dessa identificação, falar em nome do outro, de muitos outros, falar em nome da Poesia contemporânea brasileira. O que teria acabado, ainda segundo Haroldo, é a *koiné*, a submissão a um projeto comum ou a uma língua comum que, por exemplo, comandou o atraso da experimentação das formas longas, como as suas *Galáxias*, para bem depois do fim da 'fase heroica' da poesia concreta.

Voltando a Simon, é curioso ressaltar – e por isso falo em má vontade ou talvez mesmo má fé – que a citação de Eucanaã Ferraz, uma das duas que fundamenta a sua leitura, é argutamente cortada para excluir do texto a explicação que torna patente que dentro da “contemporaneidade de formas” que caracteriza a poesia contemporânea, poetas diversos se inserem de maneiras diferentes (a maior parte delas inclusive nada 'tradicional'). O que Simon cita é a introdução e a conclusão da resposta, excluindo de seu texto toda a demonstração de como essa simultaneidade de formas não se dá necessariamente para todos ao mesmo tempo e nem muito menos da mesma maneira; mas significa que há ao mesmo tempo Paulo Henriques Britto fazendo um soneto de tal maneira e Antonio Cicero fazendo de outra, e Marcelo Diniz ainda de outra, e ainda Glauco Mattoso etc; significa ainda que há também exploração das fronteiras entre poema e prosa, ou entre poesia e filosofia, em Alberto Pucheu, que é por sua vez diferente da exploração dos limites da poesia no *Noiva* de Renato Rezende ou ainda do jogo com o prosaico em Caio Meira ou em Marília Garcia ou em Leonardo Gandolfi ou... ou... ou... e... e... e... Se a lista pareceria poder continuar quase ao infinito, a questão não é a de um infinito de fato, o que não seria a rigor possível, mas a de um infinito de direito – que assume que não há como negar *a priori* a legitimidade de uma tal maneira de fazer a poesia do presente, o que poderia ser dito também afirmando a não contemporaneidade a si do presente espectral (DERRIDA, 1993) ou o anacronismo fundamental à experiência do contemporâneo (AGAMBEN, 2009). Ou ainda, como disse Haroldo de Campos em seu texto sobre Cabral: dizendo que entre poetas ativos na mesma época não há necessariamente uma “comum visão da história” (CAMPOS, 2006, p. 79.) o que implica, portan-

to, poéticas bastante diferentes.

Esse infinito de direito, que renuncia à ideia de que haveria necessariamente uma maneira de fazer poesia hoje (e que portanto haveria um e somente um agora, ou somente uma maneira de habitá-lo) eu o imaginaria como um regime da singularidade para a história da poesia brasileira, história que, ao longo do século XX, parece lançar mão das ideias de grupo-geração-vanguarda como o uma pequena jangada, um bote salva-vidas para não se afogar no mar aberto legado pelo naufrágio dos grandes estilos de época. O que aparece então é a chance (na verdade não exatamente nova) de escrever a história dessa poesia lançando mão de um outro sujeito singular (e com isso não quero dizer necessariamente individual), de escrever essa história (da época, mas também do passado) com outros *nomes*, para usar uma provocação de Rancière (1994). Esse espaço liso ou plano contemporâneo da poesia não é o do consumismo pura e simplesmente e nem muito menos abole a possibilidade da avaliação crítica; porém, essa crítica, que incidiria principalmente sobre os projetos e poéticas de cada poeta, se dá *a priori* no singular. Simon, aliás, demonstra muito bem saber disso em seu texto sobre Cláudia Roquette-Pinto, o que talvez desmascare ainda mais a violência que *Condenados à tradição* apõe já em seu subtítulo: o que fizeram com a poesia brasileira...? Ora, pois bem, que poesia? Ou melhor: que poeta, que poetas? Eucanaã e Carlito?, mas eles não falam sozinhos em nome de toda a poesia contemporânea brasileira, nem em suas obras, nem em entrevistas – eles não falam sequer como Haroldo, Augusto, Décio e outros podiam falar, cada um a sua vez, em nome da Poesia Concreta como um todo. Eles não falam em nome da poesia contemporânea brasileira a não ser na dublagem que Simon faz deles... O sujeito indeterminado do verbo fazer (*o que fizeram...*), que dissiparia o sujeito da retradicionização, não faz talvez mais do que esconder a própria Simon como sua perpetradora...

O caso da citação de Eucanaã é, parece, o mais agudo, uma vez que a troca singular/plural operada acriticamente no trecho, o apagamento da referência às poéticas singulares imputa ao depoimento do poeta carioca uma figura de passeio, como se este estivesse propondo que cada poeta contemporâneo isoladamente lança mão de todas as formas possíveis, uma a cada vez, livremente, ou todas ao mesmo tempo, sem qualquer implicação ou discernimento. Nessa dublagem o contemporâneo aparece como o lugar de uma livre perambulação ao acaso nos jardins da história das formas – e não como o limiar de decisões desamparadas nas quais às vezes se lança mão de formas aparentemente disponíveis na tradição. Decisões *a priori* no singular além de potencialmente provisórias, que funcionam caso a caso, a cada vez em um tempo decisivo sem medida

cronológica prévia ou necessidade de agrupamento; decisões ainda desarmadas de qualquer linearidade simples, como a da vanguarda, e em geral desprovida do heroísmo que ainda era possível a uma Poesia Concreta ou de uma retórica de sacrifício ao tipo daquela de Mário de Andrade. (Não é senão a isso que Eucanaã se refere mais adiante em sua entrevista quando fala em um “tempo do 'desamparo'” (FERRAZ, 2017), de maneira muito mais precisa, me parece, do que as suas referências ao 'canônico' no trecho que Simon estrategicamente privilegia.)

A hesitação singular/plural é tão sintomática que, comentando aquilo que na entrevista de Eucanaã é uma conceituação panorâmica, a crítica chega a usar um singular generalizador, diz Simon: “*o poeta contemporâneo* frequenta todas as linguagens consagradas sem programa, mas ainda simulando um discernimento crítico” (SIMON, 2011). O silenciamento dessa diferença na citação funciona retoricamente para abolir a necessidade de demonstração da relação frouxa com a forma que Simon imputa aos poetas contemporâneos. Essa relação é, aliás, o que fundamenta a hipótese da retraditionalização. Quero dizer: o correlato necessário da leitura de Simon é o de que o uso das formas tradicionais pelos poetas contemporâneos é duplamente inócuo, ou seja, que nesse uso a forma chega inalterada e imediatamente, da tradição para o poema, e que tampouco a poética dos contemporâneos se deixa atritar ou afetar por esse contato. É, mais uma vez, o uso entendido como consumo inofensivo. Cito:

O poeta entra na dita contemporaneidade como um consumidor, que pode hoje usar todas as formas disponíveis sem se comprometer, sem ser afetado por nenhuma delas – e nem elas afetam o seu dizer. *As formas não são autoconstituintes do poema, porque a convenção tem a precedência* e delimita o campo da intuição criadora, onde qualquer emoção precisará de um ponto de apoio instituído ou de uma intermediação cultural (via direta para o intertextualismo, que é uma espécie de primo rico da retraditionalização). “Forma”, nessa acepção, é coisa pronta, fôrma, gêneros modernos ou não, medidas, o que preexiste dentro dessa liberadora heterogeneidade do prêt-à-porter, esvaziado de matéria. (SIMON, 2011)

Mais uma vez aqui a amputação citacional é estratégica e violenta, na medida em que o trecho que Simon recalca da entrevista de Eucanaã fazia questão de mostrar – rápida, mas precisamente – o quanto essa relação não se opera sem atrito para o caso dos dois poetas que ele arrola como aqueles que então se utilizavam de formas tradicionais. Cito Eucanaã: “um poeta como Paulo Henriques Britto lança mão do soneto para nele fazer caber o prosaico, a narração, o *humour*, reavaliando desse modo a relação entre forma e conteúdo. Noutro caminho, Antonio Cicero traz os temas caros à tradição lírica

ocidental para o chão comum do urbano” (FERRAZ, 2017). Não somente a demonstração da debilidade na relação com a forma é inteiramente substituída pela troca singular/plural, mas é ainda sobre essa permuta mesma que se fundamenta a mesma debilidade, na medida em que a instância em que poderia ser situada a relação problemática com a forma, ou seja, a da singularidade, não comparece; se a poesia contemporânea só comporta uma referência panorâmica e, neste âmbito, a pluralidade formal é desconcertante, então o resultado só pode ser o do vale-tudo.

A falta que Simon acaba desenhando mesmo que não explicitamente aqui é a do programa coletivo – o único a que parece ser conferido o poder de mediar a relação da época com a forma poética e a única instância onde parece concebível situar os problemas da escrita. Aquele 'desamparo' de que fala Eucanaã – mas talvez também a crise de que fala Marcos Siscar (2010) e muitas outras leituras que postulam o fim do ciclo histórico das vanguardas – o que muitos desses discursos talvez dissessem é que a dissipação de figuras coletivas do tipo vanguarda-geração-grupo na poesia de agora no Brasil torna, na verdade, a forma ainda menos fôrma, faz da forma algo ainda menos *precedente*, na medida em que os poetas não chegam a ela armados de um para-texto teórico que organiza a história e introduz um conjunto de distinções do tipo *isso vale-aquilo não vale*. Mas para enxergar isso é preciso mudar o enquadramento, é preciso sobretudo não dar a exclusividade da formulação das relações da poesia com a época ao coletivo. Ou seja: repensar o tipo de sujeito que pode escrever a história da poesia brasileira e, portanto, a instância onde situar um uso problemático ou crítico das formas legadas pela tradição.

### **Referências bibliográficas**

AGAMBEN, Giorgio. “Elogio do profanação”. In: *Profanações*. Tradução Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. pp. 65-80.

\_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. “Poesia e modernidade: da morte do verso à constelação. O poema pós-utópico”. In: *O arco-íris branco: ensaios de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. pp. 243-269.

CATRÓPA, Andéa; NUERNBERG, Renan; MARTIN, Carlos Frederico Barrère. *Tentativa de balanço: entrevista com Iumna Maria Simon*. Revista Novos Estudos, Cebrap 94, novembro de 2012. pp. 163-176.

DERRIDA, Jacques. *Spectres de Marx. L'état de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Éditions Galilée, 1993.

FERRAZ, Eucanaã. Palavras plásticas (entrevista). Disponível no site do autor [http://www.eucanaaferraz.com.br/sec\\_textos.php?type=4](http://www.eucanaaferraz.com.br/sec_textos.php?type=4) , acesso em 10 de julho de 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: um ensaio de poética do saber*. Tradução Eduardo Guimarães, Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Poétique du savoir: a propos de "Les noms de l'histoire"*. In: Multitudes Web: Mardi, 25 Janvier, 2005. Disponível em <http://multitudes.samizdat.net/La-poetique-du-savoir> , acesso em 01/07/2013.

\_\_\_\_\_. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34, 2005.

SIMON, Iumna Maria. "Condenados à tradição: o que fizeram com a poesia brasileira". In: *Piauí* edição 61 – *Aceleração do crescimento*, Outubro de 2011. Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/condenados-a-tradicao/> acesso em 13 de Novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. *Situação de sítio*. Revista Novos Estudos, Cebrap 82, novembro de 2008. pp. 151-165.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise" da poesia como topos da modernidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.